

nados ao metro e à rhyma. A idéa não pode ser mais nobre nem mais elevada, porém somos daquelles que duvidam do seu triumpho, porque, digam o que quizerem, a poesia será sempre independente do espirito positivo do seculo.

M. VALLADÃO.

Continúa.

A poesia individual

Quando a effusão do romantismo chegou ao seu auge, no tempo em que todos os entendimentos se revoltavam contra o predominio do classicismo, vogavam entre outras doutrinas preconisada dos fanaticos da arte romantica, uma que era como um composto de exageradas represalias, em que o estudo da antiguidade, por ser reputado de nenhum interesse para a litteratura e para a arte, devia ser vedado a litteratos e poetas; era então o futuro, de onde devia raiar a aurora de regeneração da poesia; os deuses foram expulsos do Olympo, negaram-lhes patria e domicilio; e apenas alguma nota de lyra caprichosa e outras vezes satyrica e desdenhosa, recordava esses pobres immortaes, de quem nos veio na grande corrente da civilisação hellenica o verdadeiro sentimento do bello.

O poeta, que então buscava inspirar-se no estudo da antiguidade, era acremente taxado de pagão, pela turba de criticos orthodoxos, mesmo quando, como H. Heine, mimoseava os deuses com uma satyra risonha, leve e phantasiosa, mudando a Diana, a divina Diana, dos cumes azulados do Parnaso, para uma sala de algum castello gothico, mobiliado ao gosto da renascença, ou como Theodore Banville, cuja lyra era excessivamente ideal, que lhes dava « des allures florentines. » (1)

Mas esta doutrina paradoxal, fatal consequencia da falaz comprehensão de um novo ideal, seria um caminho certo á decadencia do gosto, se os estudos de Ponsard e Laprade sobre a antiguidade, e especialmente as obras poeticas de Leconte de Lisle, não fizessem a poesia retomar o caminho de suas fontes primitivas.

(2) Th. Gautier — *Histoire du Romantisme*.

Leconte de Lisle, que como Chenier, comprehendeu profundamente o sentimento da poesia antiga, contribuiu com os seus *poemas antigos*, para esse fecundo renascimento da antiguidade.

Ao passo que a tradicção conquistava direito de cidade no domínio da poesia romântica, alguns sectários do progresso contínuo e indefinido, não só lhe negavam tal direito, como declaravam guerra de morte à poesia medida e rimada; — clausuraram as musas, e cedendo às tendências prosaicas do século, proclamaram o império absoluto da prosa, como uma espécie de forma democrática do pensamento; o Parnaso ficaria deserto e os vates, como os peregrinos da Meca, viriam uma vez ou outra em busca de alguma relíquia preciosa.

Mas assim como a poesia havia triumphado, também triunpha a sua forma, e o verso, que em França parecia ter desaparecido da cena com Molière e os clássicos, foi restaurado pelo gênio admirável de Victor Hugo, como a única vestidura capaz de conservar a supremacia às idéias grandiosas.

Prédominava pois a poesia e o verso, e Eugenio Pelletan, natureza phantastica e positiva, real e sonhadora ao mesmo tempo, apesar da potência argumentadora de seu espírito progressista, das seduções de sua prosa scintillante de poesia, cheia de verve e saturada de um sincero e voluptuoso sentimento humanitário, prosa que bem podia servir de modelo primoroso àquelas que pugnavam pela eliminação do verso, teve o desprazer de assistir à queda de suas idéias, já bem combatidas pela pena maviosa de Lamartine.

Entretanto, a poesia nunca se apresentou mais rica e peregrina do que nestes tempos em que a maior parte dos talentos poéticos que despontaram com o desabrochamento da grande flor do romântismo, haviam attingido a este grão de reflexão e madureza, em que o espírito, como a nossa natureza physica, está em toda a plenitude de seus vigores.

Os livros de versos pullulavam em França e no mundo inteiro — o verso chegou mesmo, contra a sua natureza, a ser uma forma didáctica, e desfraldou o estandarte esperançoso de propaganda, e as idéias democráticas, em cujo nome lhe tentaram matar, nunca foram mais efficazmente apregoadas e defendidas do que nos graves, energicos e sumptuosos alexandrinos do autor dos *Châtiments*.

De sorte que essa forma que se pretendia banir do domínio da poesia, como uma forma aristocrática, reconquistou a sua

autonomia tradicional, attrahindo pela sua cadencia e sua
vidade, harmonia e altivez, a sympathia d'aquelleas que des-
peitadamente não lhe queriam reconhecer os fóros de alta
fidalguia, e os grandes mestres da poesia de todas as partes
e de todos os tempos, passaram a ser estudados, commen-
tados, traduzidos e imitados por todos os povos civilisados,
e o genio da poesia, ainda esta vez, campeou sobranceiro, e
atravessou ufano por entre a turba galhofeira dos progres-
sistis paradoxas.

O espirito prosaico e utilitario, considerando-se impotente
para eliminar completamente a poesia, assim como todas as
artes cujo fim principal fosse a pura representação do bello,
modifica um pouco a sua insensata pretenção, e então appa-
receram os chamados criticos positivos, os definidores da
idéa nova, da *arte nova*, das *tendencias do seculo*, e seus
esforços convergiram desgraçadamente para que predominasse
a poesia que elles chamam de *collectiva*, altruista,
util, a unica capaz de levantar o nível moral da humani-
dade, de enrijar o sentimento das turbas por demais amolle-
cido e adoentado pela outra poesia que em oposição chamam
de individual, egoistica e lyrical, e que tem o grande
crime de ainda ter um ideal, neste tempo da industria e do
commercio.

Esta maneira singular de considerar a poesia, desconhe-
cendo completamente a sua missão, não é outra coisa senão
a triste consequencia de uma nova philosophia que, ou não
tendo comprehendido o fim nobre e essencialmente espiritual
da arte nos destinos da humanidade, ou porque, tendo-o com-
prehendido, queira muito propositalmente torcer-lhe o sen-
tido, e por uma mania diabolica procure obrigar tudo a uma
especie de chavão, como se a poesia, por sua natureza in-
contestavelmente ideal, não fosse adversa ás chatas conven-
ções onde mais se tem em vista os preconceitos dos systemas
e das escolas, do que a suprema elevação de vista da grande
arte.

Segundo as doutrinas dissolventes de uma tal philosophia,
em que a arte é considerada como um elemento secundario
na prodigiosa formação do espirito humano, a poesia como
uma arte que é, ou tinha de ser completamente excluida,
ou havia de, por uma transformação forçosamente incompa-
tivel com a sua natureza puramente ideal, converter-se em
uma arte restricta, derivando simples e exclusivamente da
natureza e da sciencia a que sómente pediria inspirações,

uma engrenagem de preceitos e regras mechanicamente regulados, uma especie de realejo tocando um pequeno numero de peças, cuja manivella apenas movida machinalmente, principia logo a musica a produzir-se com a precisão do numero ; — o poeta deixaria de ser o ente excepcional e privilegiado de todos os tempos; e em vez de uma lyra, o brasão do vate passaria a ser uma caixinha de musica de repetição.

Nem se pense que eu invoco phantasmas para depois debellal-os— pois quem meditar profunda e imparcialmente sobre o espirito dessa escola, convenientemente prevenido para escapar ás subtilezas de seus falsos raciocinios, aos fundamentos paradoxaes de sua argumentação, e sobre tudo á hypocrisia com que procura fascinar os espiritos com um cortejo de sentimentos humanitarios, ás promessas fascinadoras dē tudo facilitar, de aclarar tudo, de não monopolisar nada — quem quizer, enfim, ha de encontrar, claro ou implicito, um odio desapiedadamente movido contra a arte e contra a grande sciencia, e arvorado o estandarte rubro de uma guerra cruenta desfechada contra o bello e contra a verdade absoluta, em favor da sciencia practica e utilitaria e das artes industriaes.

Chama-se a isso democratizar a arte, acabar com o monopolio dos poetas subjectivos, e tornar a poesia accessivel a todos os talentos, a todos os temperamentos, a todas as condições ; desde as ingenuidades burguezas até ás intellectualidades de saber aristocatico ; desde as naturezas frias, insulsas, até os espiritos entusiastas, fogosos e delicados; desde o homem positivo e exacto até os sonhadores e phantasticos architectos de castellos ideaes : enfim, vulgarisar e baratear a poesia assim como a descoberta dos processos de imitação das pedras preciosas veiu diminuir a raridade e augmentar a barateza ao diamante e ao rubim.

Mas a poesia assim comprehendida, não podia deixar de ser uma arte convencional e transitoria; tentaram ensinal-a nas escolas—d'ahi os processos e os methodos, como se usa nas classes ; é bem curioso de ver-se um destes *modelos de poesia*, pois os ha para todos os generos, que ordenados na ordem de difficultade crescente, como na calligraphia se ordena os traslados desde os riscos esbeltos e simples, até as letras lançadas e cheias do bastardo, as estreitezas do cursivo e capricho das garatujas ; de sorte que o poeta que n'um dia de inspiração quizer cantar a terra, em vez de

alar-se pela imaginação ao mundo infinito dos astros, em vez de ir buscar-lhe o genesis nas grandes legendas da humanidade, de pedir á sciencia só aquillo que poeticamente couber na sua obra, em vez de procurar nas hyperboles e metaphoras arrojadas os toques que devem realçar a sua creação — elle não pode pedir inspiração se não ao seu modelo que é inalteravel, não precisa do concurso da imaginação porque a sciencia que lhe paralysa as azas lhe dá tudo, não precisa das grandes figuras do pensamento, das finezas do estylo, do conhecimento dos segredos da lingua, das exquisitices do gosto, pois a sua poesia, ha de ser uma verdadeira lição astronomica com pretenções a ser adoptada como compendio por algum sabio de universidade.

Entretanto não carecia tirarem-lhe o encanto, não precisava extorquirem-lhe a emoção pelo sentimento, que é a sua alma, para que a poesia tenha, como tem tido sempre, accão evidentemente benefica na grande educação da humanidade ; ao contrario, essas usurpações que lhe tentaram fazer tanto na sua natureza intima, como em sua forma, em vez de fazerem della uma providencia, porque ella tem sido como um grande refrigerio à humanidade soffredora, será um engano, uma desformidade, uma creação hybrida e venefica, como esses residuos inesperados que se precipitam na retorta do alchimista que buscava o elixir de longa vida.

A poesia *collectiva, universal*, — a *alta poesia*, como a querem os martelladores, de uma arte derivando da scien-cia, é impossivel porque deve ser composta de elementos heterogeneos, entre os quaes se torna irrealisavel a mais fraca cohesão ; —eu acho-a até racionalmente inconcebivel, porque não lhe vejo um ideal, não lhe encontro unidade, ao menos que por ideal não se lhe queira dar a sua tendencia desgraçada para copiação chata de tudo quanto o bom gosto repudia, o seu destino objectivo e as suas vistas por demais praticas e interesseiras ; e por unidade—a palpavel desconexão e manifesto desconchavo entre os estranhos elementos de que lhe querem formar.

Entendo que a poesia chegou à sua mais alta manifesta-ção na *Legenda dos Seculos*; attingiu até onde podia eleval-a na escala incommensuravel das concepções huma-nas a potencia genial de um homem; e esse livro que é uma verdadeira *synthèse*, é para a historia do espirito da huma-nidade, o que a grande obra de Edgard Quinet—a *Creação*, é para o genesis do mundo material ; esses douis livros são

uma illuminadissima revelação ; n'um como n'outro se encontra na natureza intima dos seres todos, como que um cunho indelevel da divindade e uma tendencia fatal ao infinito ; porém exigir mais da poesia, é fazer-lhe uma exigencia negativa, que redundará na cessação definitiva de sua ascensão às alturas vertiginosas do ideal.

Reconhecemos o fim elevadissimo da poesia, e é por isso mesmo que disendo como um critico austero : « la poësie est une création, donc elle est divine, donc elle n'a rien à démêler avec les procédés vulgaires de l'intelligence » (1), não queremos que lhe cortem as azas, que lhe dissonem as harmonias, que lhe exauram o sentimento, o sentimento que lhe dá um'alma que é a emoção, sem o que ella não poderia viver : de mais, como se ainda fosse pouco, lhe quererem desataviar a fórmula, enaltecer o brilho e limitar os vôos no espaço e no tempo !

Um dos grandes espiritos da epocha, talvez a maior organização poetica do seculo, quando publicava a obra em que a sua imaginação peregrina se aprouve em divagar por onde a critica não aprasia que a imaginação parasse, respondendo a essa critica intolerante e exigente, escreveu : « Que le poète donc aille où il veut en faisant ce qui lui plait : c'est la loi. Qu'il croie en Dieu ou aux dieux, à Pluton, ou à Satan, à Canidie ou à Morgane, ou à rien ; qu'il acquite le péage du Styx, qu'il sorte du sabbat—,qu'il écrive en prose ou en vers, qu'il sculpte en marbre ou coule en bronze ; qu'il prenne pied dans tel siècle ou dans tel climat, qu'il soit du midi, du nord, de l'occident, de l'orient ; qu'il soit antique ou moderne ; que sa muse soit une Muse ou une fée, qu'elle se drape de la colocasie ou s'ajuste la cottehardie. C'est à merveille. Le poète est libre. Mettons nous à son point de vue et voyons. » (2)

Entretanto, todo o intento da idéa nova, é acabar com o lyrismo, como poesia individual e subjectiva, porque a esta poesia cabe a responsabilidade de quantos desvios intellectuaes se tem dado nas lides afanosas do pensamento, e além d'isso, nada tem que ver a humanidade com alheios sentimentos, mesmo os mais intimos, ainda quando da explosão desses sentimentos, das tristezas dessas almas divinamente sentidas, se exhalarem, como o perfume da flor, elegias docemente

(1) G. Planche—*Études Litteraires*.

(2) V. Hugo—*Les orientales*.

dolorosas como o *Gethsemani* de Lamartine, ou tristemente apaixonadas como o *Cantico do Calvario* do desventurado Varella, onde o nosso poeta embriagou-se na voluptuosidade desesperada da dor.

Mas eu não sei o que seria, já não digo só da poesia, mas da arte em geral, sem o sentimento, o amor, a paixão e outros attributos individuaes do poeta, que são como que a sua propria alma; em cima de toda a duvida paira essa qualidate « *cachet*, caractère spécial qui distingue une personne ou une chose, (1)—a originalidade, porque contra ella, que é como que o sinete com que cada um revela o que creou, ninguem ainda se levantou directamente, —não sei como ainda se tolera tanto;—trata-se agora de outra coisa, pretende-se formar um poeta abstracto, sem *eu*, sem sentimento, sem paixão, sem amor, sem ambições, sem personalidade em fim.

Querer banir o lyrismo da poesia, é querer tirar ao poeta o amor em suas multiplas manifestações, com todo o seu cortejo de virtudes e vicios, é o mesmo que dizer-lhe que não veja, não sinta, não viva, não sonhe, não chore e não ria.

Mas o que é a poesia sem a paixão, na larga accepção que se dá a esta palavra em litteratura? nada; ao passo que a paixão por si só, pôde produzir obras a que nunca alcançariam as organisações poeticas mais decididas e innatas (2); seria uma insensatez, o pretender arredar do domínio da poesia o amor, não o amor que reduzisse a poesia a uma sentimentalidade frívola e mentirosa e a uma idealidade idiota e cachetica; mas o amor verdadeiro, viril, apaixonado, honesto, divino, como o comprehendeu Schakspeare.

Lamartine, que já não era um poeta, se não a propria poesia, (3) foi um grande lyrico, e como tal fez a sua reputação de poeta, e quer se pegue nos versos que elle deixou pelos albuns dos amigos, em suas notas de viagens, — quer se investigue as paginas plangentes do *Jocelyn*, em que Planche dizia já ter presentido a transformação da poesia pessoal, ha de se encontrar sempre o amante apaixonado, o filho extremoso, o pai desvelado, o esposo fiel, em fim, o leitor ha de se illuminar sempre nas irradiações d'aquella alma de anjo.

(1) Victor Cousin.

(2) H. Heine.

(3) Theophile Gautier—Portraits contemporanis.

Uma das individualidades litterarias mais bem accentuadas da França moderna, foi de certo Alfredo de Musset; porém ou se leia as *noites*, ramalhete de flores exquisitamente triste e de uma odorificencia as vezes mal-sã, ou se saboreie a suave cadencia dos magnificos e flexiveis alexandrinos do *Jacques Rolla*, se sentirá sempre uns resaibos da melancolia d'aquelle alma descrida e apaixonada ao mesmo tempo.

O Semi-deus da poesia, a criança divina de Chateaubriand, aquelle que sempre se envolveu nas nuvens diaphanas do ideal, que habitou sempre as alturas inacessiveis do Olympo, o Jupiter tonnante da poesia, aquelle de quem dizia um grande critico francez, a proposito da *Legenda dos Seculos*: « Ni douceur, ni tendresse ; l'auteur a dédaigné de charmer. Peu ou point de mélodie. » Chacun de ces vers est semblable à un bloc de pierre, à un quartier de roc énorme », (1) algumas vezes a sua alma deixou de ter as scintillações lusentes do sol, pela luz calma e serena da lua; a sua imaginação os arrebatamentos grandiosos da epopeia, pelo placido e sereno voejar do lyrismo; e nós tivemos as *orientaes*, os *raios e sombras*, *contemplações*, a *arte de ser avô*, etc.

Se ao talento se pôde dar uma designação usada em architectura, eu chamaria de composito ao do auctor do *Reisebilder*, pois pôde-se dizer que este grande poeta cuja lyra não só tinha cordas finas para a satyra e para a ironia, como grossos bordões para celebrar o amor e o heroismo, teve a rara felicidade de crear um genero lyrico singularissimo, uma especie de eclectismo poetico, em que elle vasava as suas composições, e onde se encontra sempre a lembrança d'aquelle que ora lhe apparecia na janella de um castello como no *mar do norte* e ora na phantastica Herodiades do desfiladeiro, dos espiritos de Atta-Troll; pois bem, esse homem que era a ironia poetisada, que nos mandava a satyra assucarada de lyrismo, da mesma maneira que os chimicos abrandam o poder cauteretico de certas substancias, misturando-as com outras de propriedades oppostas, não desdenhava entretanto a poesia individual, como d'ella nos deliciamos nas suas balladas, poesias soltas e sobre tudo na sua mimosa composição o *Intermezzo*.

(1) Emile Montegut—*Revue des Deux mondes*.

A historia da poesia, principiando desde Homero, até ao mais infimo trovador dos nossos sertões, nos ensina que todos os grandes poetas, devem o terem produzido as suas maiores obras, ao fogo ardente da paixão e do amor, ás delicias innocentes do lar e da familia, aos affectos sinceros da amisade, á tranquillidade conscienciosa da virtude e sobre tudo á dedicação á humanidade.

Eschilo, Salomão, Virgilio, Dante, Tasso, Petrarcha, Camões, Cervantes, Milton, Schakspeare, Corneille, Schiller, Goethe, Byron, amaram na grande extensão desta palavra —d'ahi essas obras admiraveis que lhes levaram á immortalidade—; nenhum d'elles, sem perder entretanto o amor á humanidade, e tambem sem ser egoista, deixou de sentir e de gravar na expressão de seu proprio sentimento, a do sentimento universal, que é o verdadeiro caracteristico do lyrismo puro; a individualidade não é mais do que um involucro apparente que se rompe a medida que o sentimento vai-se apurando; —é uma chrysalida— abre-se e deixa escapar a ideia, mal tem ella attingido á sua perfeição definitiva—; então desapparece a personalidade do poeta, que se deixa substituir pela de cada uma das almas que se identificam com a sua; é uma successão, mas é uma universalidade;—no fundo é sempre a poesia verdadeira, que não tolera as classificações.

Por isso não maldigamos pois essa ou aquella poesia, quer seja individual ou collectiva — fujamos das questões de Escola, busquemos o bello onde elle estiver, sem que por isso nos obriguemos ás convenções; é esta a verdadeira theoria da arte, a mais compativel com as ideias de liberdade, tolerancia e justiça, cuja trindade deve ser a divisa do seculo.

PEDRO Ivo.

A quem amo

A' toi toujours, á toi.
VICTOR HUGO.

Amo teus olhos, scintillantes, bellos,
Amo teu rosto de morena cõr;
Amo teus labios purpurinos, meigos,
Sempre constantes soletrando — amor !